

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE DESENHO
SOB A PERSPETIVA DE UM ILUSTRADOR**

*Ilustração do conto **O Crime de Lorde Artur Savile***

ANEXOS

Raquel de Freitas Torres

Trabalho de Projeto

Mestrado em Desenho

Trabalho de Projeto orientado pela Professora Doutora Susana Oliveira

2023

Coleção Mil Folhas
PÚBLICO
96

O CRIME DE LORDE ARTUR SAVILE
Oscar Wilde

Título original: Lord Arthur Savile's Crime
Tradução: Vergílio Mendes e Cabral do Nascimento

Ilustrações Raquel Torres
Projeto de Mestrado 2022/ 2023

Data de impressão
Outubro de 2023
Lisboa

OSCAR
WILDE

O Crime de Lorde
Artur Savile

O Crime de Lorde Artur Savile

Um Estudo sobre o Dever Moral



I

Era a última recepção de Lady Windermere antes da Páscoa, e Bentick House estava ainda mais concorrida do que era habitual. Seis ministros, vindos da sessão da Câmara, ostentavam as suas faixas e insígnias, lindas mulheres vestiam elegantíssimas *toilettes* e, ao fundo da galeria de pintura, estava a princesa Sofia de Karlsruhe, uma senhora de acentuadas feições tártaras, com pequenos olhos negros e maravilhosas esmeraldas, conversando em mau francês, num timbre agudo de falsete, e rindo descomedidamente a tudo quanto lhe diziam. Era, na verdade, uma extraordinária miscelânea de gente. Sumptuosas mulheres de lordes falavam afavelmente com violentos radicais, pregadores populares tocavam ao de leve nas abas dos casacos de eminentes cépticos, um perfeito bando de bispos perseguia de sala em sala uma prima-dona opulenta de carnes, e na escadaria estavam de pé muitos reais académicos, disfarçados de artistas. Chegou-se a dizer que a sala da ceia estava a transbordar de génios. De facto, era uma das melhores noites de Lady Windermere. A princesa demorou-se até depois das onze e meia.

Logo que ela saiu, Lady Windermere voltou para a galeria de pintura, onde um conhecido economista político explanava solenemente a teoria científica da música a um indignado virtuoso da Hungria, e principiou a conversar com a duquesa de Paisley.

Era admiravelmente formosa, com o seu alto pescoço de marfim, os grandes olhos azuis e os

fartos anéis de cabelo dourado. Eram *or pur*¹ – não essa pálida cor de palha, que actualmente usurpa o gracioso nome de ouro, como o tecem os raios de sol, ou se oculta em estranho âmbar; e davam ao seu rosto algo da elevação de uma santa e, não menos, do fascínio de uma pecadora. Era um curioso estudo psicológico. Cedo na vida, descobrira a importante verdade que nada se parece tanto com a inocência como a indiscrição; e, por uma série de descuidadas leviandades, algumas absolutamente inofensivas, adquiriu todos os privilégios de uma personalidade. Mais de uma vez, tinha mudado de marido; na verdade, tivera três maridos mas, como nunca mudou o seu amor, o mundo deixara há muito de falar de escândalo a seu respeito. Estava agora com quarenta anos, sem filhos e com uma desordenada paixão pelo prazer, que é o segredo da perene mocidade.

De repente, olhou arrebatadamente pela sala e disse na sua voz clara de contralto:

Onde está o meu quiromante?

– Seu quê, Gladys? – exclamou a duquesa sobressaltando-se.

– O meu quiromante, duquesa; actualmente, não posso viver sem ele.

– Querida Gladys! É sempre tão original! – murmurou a duquesa, procurando recordar o que era realmente um quiromante.

– Vem ler a minha mão duas vezes por semana – continuou Lady Windermere –, e é muito interessante o que diz.

– Meu Deus! – disse a duquesa baixando a voz –, é afinal uma espécie de bruxo. Que horror! Espero que seja um estrangeiro. Isso seria uma atenuante...

– Devo, na verdade, apresentar-lho.

– Apresente-o! Não diz que ele está cá? – e começou a olhar em volta, com o seu pequeno leque de tartaruga e o xaile de renda, como a preparar-se para o ver.

– Realmente, está cá; não pensaria em dar uma reunião sem ele. Diz-me que tenho a mão genuinamente psíquica e que, se o meu polegar fosse um pouco mais curto, seria uma pessimista declarada e teria ido para um convento.

– Oh, compreendo! – disse a duquesa, sentindo um grande alívio. – Prediz o futuro², não é?

– E infortúnios, também... – respondeu Lady Windermere –, e bastantes. Para o ano que vem, por exemplo, corro um grande perigo, tanto em terra como no mar; irei viver num balão e levantar todas as tardes o meu jantar num cabaz. Está tudo escrito o meu dedo polegar ou na palma da mão. Eu é que me esqueço.

– Mas, seguramente, isso é tentar a Providência, Gladys?

– Minha querida duquesa, decerto a Providência pode resistir por esta vez à tentação. Entendo que todos deviam mostrar as mãos, ao menos, uma vez por mês, para saberem o que não devem fazer. Na verdade, todos o deviam fazer. É tão agradável estar prevenido! Bem, se ninguém vai procurar e trazer o senhor Podgers, irei eu.

– Permite que eu vá, Lady Windermere? – disse um alto e elegante jovem que estava ao pé, ouvindo a conversa, com um divertido sorriso.

– Muito obrigado, Lorde Artur, mas receio que não o conheça.

– Se ele é tão prodigioso como diz, Lady Windermere, não me poderei enganar.

– Olhe, não se parece lá muito com um quiromante. Quer dizer, não é misterioso, nem esotérico, nem de aspecto romântico. É um homem pequeno e robusto, com uma engraçada e calva cabeça e uns grandes óculos de aros de ouro, como um médico de aldeia ou um procurador da província. Estou, na verdade, aborrecida, mas não tenho culpa. As pessoas são tão insípidas! Todos os meus pianistas se parecem exactamente com os poetas

¹ Ouro puro.

² *He tells fortunes*, no original (só assim se percebe o jogo de palavras com infortúnios (*misfortunes*). (N.T)

e todos os meus poeta se parecem exactamente com os pianistas; e lembro-me de que, na época passada, tendo convidado para jantar um conspirador terrível, um homem que tinha mandado muita gente para o outro mundo e que trazia sempre uma cota de malha e um punhal sob a manga, sabe que quando ele veio, parecia mesmo um bondoso e velho sacerdote, e passou a noite a chalacear, cheio de graça? Realmente, era muito divertido, mas eu fiquei desapontada. E, quando me informei sobre a cota de malha, apenas se riu e disse que era sobretudo para usar em Inglaterra por causa do frio. Ah, aqui está o senhor Podgers! Agora, senhor Podgers, preciso que me descreva a mão da duquesa de Paisley. Duquesa, deve tirar a luva. Não, a da mão esquerda não; a outra.

– Querida Gladys, na verdade não julgo que seja mesmo preciso – disse a duquesa, desabotoando lentamente a luva de pelica, um pouco manchada.

– Nada é mais interessante – disse Windermere –, *on a fait le monde ainsi*³. Mas eu faço as apresentações. Duquesa, este cavalheiro é o senhor Podgers, o meu caro quiromante. Senhor Podgers, a duquesa de Paisley e, se diz que ela tem o monte da Lua maior do que o meu, nunca mais tornarei a acreditar em si.

– Estou certa, Gladys, de que não há nada disso na minha mão – disse a duquesa gravemente.

– Vossa excelência tem toda a razão – disse o senhor Podgers, olhando de relance para a pequenina e gorda mão de dedos curtos e bem feitos –, o monte da Lua não está desenvolvido. Mas, a linha da vida é excelente. Amavelmente, encurva no pulso. Três linhas distintas na *rascette*⁴! Deve viver até a uma idade avançada e ser extremamente feliz. Ambição muito moderada, linha do intelecto não exagerada, linha do coração...

– Não seja indiscreto, senhor Podgers – exclamou Lady Windermere.

– Nada me daria maior prazer – disse Podgers, curvando-se – se a duquesa sempre tivesse sido... mas sinto dizer que vejo uma grande permanência de afeição, combinada com um estranho sentimento de dever.

– Peço-lhe que continue, senhor Podgers – disse a duquesa com satisfação.

– A economia não é a menor das virtudes de vossa excelência – prosseguiu Podgers, e Lady Windermere riu-se muito.

– A economia é muito boa coisa – observou a duquesa com complacência – ; quando casei com Paisley, ele tinha onze palácios e faltava-lhe uma pequena casa para viver.

– E agora tem doze casas e nem um único palácio – exclamou Lady Windermere.

– Bem, minha querida – disse a duquesa –, eu gosto...

– De conforto – disse Podgers –, e de comodidades modernas e água quente em todos os quartos. Vossa excelência tem absoluta razão. O conforto é a única coisa que a nossa civilização nos pode dar.

– Descreveu admiravelmente o carácter da duquesa, senhor Podgers, e agora deve descrever o de Lady Flora.

Em resposta a um sinal da delicada dona de casa, uma rapariga alta, de cabelo ruivo e cortado, e largos ombros, deu acanhadamente um passo por detrás do sofá e mostrou uma comprida e bonita mão, de dedos espatulados.

– Ah, uma pianista! Eu vejo, uma excelente pianista, mas talvez dificilmente uma artista. Muito reservada, muito honesta e com um grande amor pelos animais.

– Absolutamente verdade! – exclamou a duquesa, voltando-se para Lady Windermere –, absolutamente verdade! A Flora tem duas dúzias de cães de raça em

³ Fizemos o mundo assim.

⁴ (Em quiromancia) a parte da mão em que as linhas se situam transversalmente.

Macloskie e trazia para a casa da capital uma colecção de animais vivos, se o pai lhe permitisse.

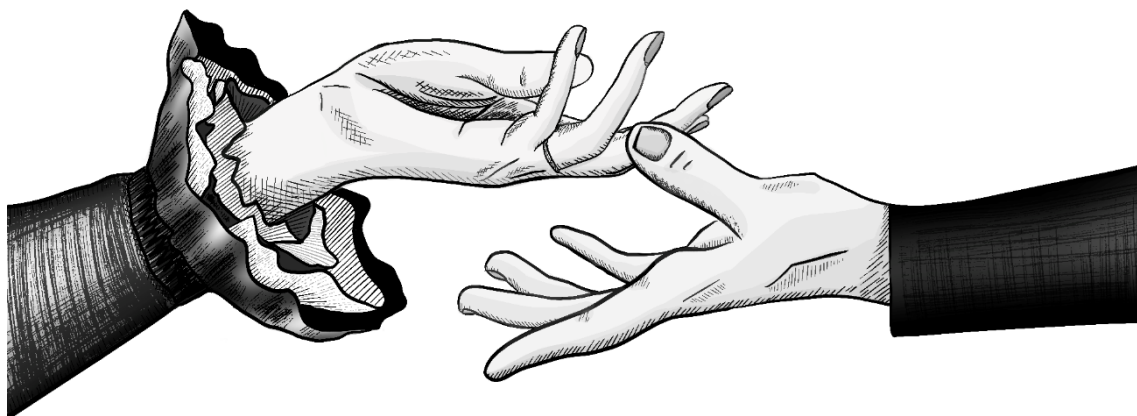
– É justamente isso que eu faço em minha casa todas as quintas-feiras, à tardinha – exclamou Lady Windermere, rindo. – Com esta diferença, gosto muito mais de leões⁵ do que de cães.

– É o seu erro, Lady Windermere – disse Podgers, com uma pomposa vénia.

– Se uma mulher não pode cometer os seus encantadores erros, é apenas uma fêmea, era a resposta. Mas o meu amigo deve descrever-nos mais algumas mãos. Venha, Sir Thomas, mostre as suas ao senhor Podgers.

E um velho *gentleman*, de jovial aparência, de colete branco, caminhou para ele, exibindo uma espessa e grosseira mão, com os dedos muito compridos.

– Um temperamento aventureiro; quatro longas viagens no passado e uma que está para vir. Naufragou três vezes. Não, só duas vezes, mas corre risco de naufrágio na próxima viagem. Um convicto conservador, muito pontual e com uma paixão de coleccionar curiosidades. Teve uma doença grave entre os dezasseis e os dezoito anos. Herdou uma fortuna perto dos trinta. Grande aversão por gatos e Radicais.



– É extraordinário! – exclamou Sir Thomas. – Deve também ler a mão da minha mulher.

– Da sua segunda mulher – disse Podgers serenamente, conservando, na sua, a mão de Sir Thomas. – Da sua segunda mulher. Com muito prazer.

Mas Lady Marvel, uma senhora de semblante melancólico, de cabelo castanho e pestanas sentimentais, recusou em absoluto ver exposto o seu passado ou o seu futuro. E Lady Windermere não conseguiu convencer o senhor de Koloff, o embaixador russo, a descalçar as luvas. De facto, muitas pessoas pareceram recear aquele homenzinho singular, de sorriso estereotipado, óculos de aros de ouro e olhos brilhantes e papudos. E quando Podgers declarou, diante de toda a gente, que a pobre Lady Fermor não ligava muita importância à música, mas era extremamente apaixonada por músicos, todos perceberam que a quiromancia é uma ciência muito perigosa e só devia ser exibida em reuniões muito íntimas.

⁵ *Lions*, ou seja, neste caso, celebridades, pessoas que todos querem ver. (N.T)

Lorde Artur Savile, porém, que nada sabia da infeliz história de Lady Fermor e tinha observado o senhor Podgers com muito interesse, estava cheio de curiosidade para que lhe lessem a mão e, como sentia algumas dúvidas acerca do seu futuro, dirigiu-se à sala onde Lady Windermere estava sentada, perguntando-lhe, levemente enrubescido, se o senhor Podgers queria ocupar-se dele.

– Decerto, quer – disse Lady Windermere –, não está aqui para outra coisa. Todos os meus leões, Lorde Artur, são leões domesticados e saltam através dos arcos sempre que lhes mando. Mas devo preveni-lo de que conto tudo a Sibila. Ela vem lanchar comigo amanhã e conversar sobre chapéus. Se o senhor Podgers descobrir que o meu amigo tem mau temperamento, tendência para a gota, ou uma mulher vivendo em Bayswater, fique certo de que lhe contarei isso tudo.

Lorde Artur sorriu e meneou a cabeça.

– Não tenho medo – respondeu. – Sibila conhece-me tão bem como eu a conheço.

– Ah! Estou um pouco desconsolada por lhe ouvir dizer isso. A verdadeira base do casamento é a incompreensão mútua. Não, não sou de modo algum cínica; o que tenho é experiência, o que, afinal, vem a ser a mesma coisa. Senhor Podgers, Lorde Artur está desejoso que lhe leia a mão. Não lhe diga que está comprometido com uma das mais formosas raparigas de Londres, porque isso já apareceu no *Morning Post* o mês passado.

– Querida Lady Windermere – exclamou a marquesa de Jedburgh –, deixe o senhor Podgers estar aqui um pouco mais. Contou-me que eu iria para o teatro e fiquei muito interessada.

– Ah, disse-lhe isso, Lady Jedburgh? Mas tenho de o privar da sua companhia. Venha já, senhor Podgers, e leia a mão de Lorde Artur.

– Bem – voltou Lady Jedburgh, com um ligeiro moue⁶, levantando-se do sofá –, se não estou aprovada para ingressar no teatro, devo ao menos ser aprovada para figurante do auditório.

– Decerto, vamos todos fazer parte do auditório – disse Lady Windermere –; e agora, senhor Podgers, sossegue e conte-nos alguma coisa bonita. Lorde Artur é um dos meus especiais favoritos.

O senhor Podgers, quando viu a mão de Lorde Artur, tornou-se estranhamente pálido e não pronunciou palavra.

Teve como um arrepio de pavor e franziu as grandes e espessas sobrancelhas, o que fazia sempre que estava embaraçado. Algumas gotas de suor deslizaram-lhe pela testa amarela, como um venenoso orvalho, e os seus dedos gordos tornaram-se frios e viscosos.

Lorde Artur não deixou de reparar nestes esquisitos sinais de agitação e pela primeira vez na sua vida sentiu medo. O seu desejo era sair da sala; conteve-se, porém. Era preferível saber o pior, fosse o que fosse, a ficar nesta incerteza horrível.

– Estou à espera, senhor Podgers – disse.

– Estamos todos à espera – exclamou Lady Windermere, com o seu modo vivo e nervoso, mas o quiromante não respondeu.

– Penso que Lorde Artur vai para o teatro – disse Lady Jedburgh – e que, depois do barulho que fez, o senhor Podgers está com receio de lho dizer.

Repentinamente, Podgers largou a mão direita de Lorde Artur e segurou a esquerda, curvando-se humildemente para a examinar, a tal ponto que as extremidades douradas dos seus óculos quase tocaram a palma. Por instantes, o seu rosto mostrou uma lívida

⁶ Beicinho. (N.T)

máscara de horror, mas depressa recuperou o seu *sang-froid* e, olhando para Lady Windermere, disse com um sorriso forçado:

– É a mão de um homem encantador.



– Certamente, é! – respondeu Lady Windermere – Mas será um marido encantador? Era o que eu gostava de saber.

– Todos os jovens são encantadores – disse Podgers.

– Não julgo que um marido seja assim tão fascinante – murmurou Lady Jedburgh, melancolicamente. – É tão perigoso!

– Minha querida amiguinha, eles nunca são muito fascinantes – exclamou Lady Windermere. – Mas o que desejo são os pormenores. Os pormenores são a única coisa que interessa. Que estará para acontecer a Lorde Artur?

– Bem, dentro de alguns meses, Lorde Artur fará uma viagem...

– Oh, sim, com certeza, na sua lua-de-mel!

– E perde uma parenta.

– Espero que não seja a irmã – disse Lady Jedburgh, num piedoso tom de voz.

– Na verdade, não é a irmã – respondeu Podgers, com um gesto explicativo –, simplesmente uma parenta afastada.

– Estou terrivelmente desapontada – disse Lady Windermere. – Não tenho absolutamente nada que contar amanhã a Sibila. Nos nossos dias, ninguém se preocupa com parentes afastados. Desapareceram há muitos anos, estão fora da moda. Espero, contudo, que ela tenha uma boa seda preta, muito chique, para fazer o luto; sempre serve para a igreja, como se sabe. E agora, vamos para a ceia. Estão convencidos de que comeram tudo, mas nós encontraremos alguma sopa quente. O François costumava fazer

muito bem esta sopa, mas anda tão agitado, por causa da política actual, que não tenho confiança no que faz. Duquesa, está fatigada?

– De modo nenhum, querida Gladys – respondeu a duquesa, meneando-se perto da porta. – Tenho-me divertido muito e o quiromante é muito interessante. Flora, onde estará o meu leque? Oh, obrigada, Sir Thomas, muito obrigada. E o meu xaile, Flora? Oh, obrigada, Sir Thomas, é muito amável.

E a distinta senhora dirigiu-se finalmente para as escadas, espargindo algumas gotas do seu frasco de perfume.

Todo este tempo, Lorde Artur permanecera junto ao fogão, com a mesma impressão de medo, o mesmo mórbido sentimento de uma desgraça futura. Sorriu tristemente para a sua irmã, quando ela passou pelo braço de Lorde Plymdale, olhando amavelmente, com o seu vestido cor-de-rosa de brocado e pérolas, e mal ouviu Lady Windermere chamá-lo para a acompanhar.

Pensou em Sibila Merton e, à ideia de que alguma coisa podia surgir entre eles, enevoaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

Vendo-o, dir-se-ia que Nemésis tinha roubado o escudo de Palas e mostrava a cabeça de Górgona. O seu rosto era, na sua grande melancolia, como o mármore. Tinha vivido a delicada e exuberante vida de um rapaz de nascimento e fortuna, uma vida livre de cuidados mesquinhos, uma bela e despreocupada mocidade; e conhecia agora pela primeira vez o terrível mistério do Destino, o temeroso significado da Condenação.

Como tudo lhe parecia louco e monstruoso! Podia ser que o que estava escrito na sua mão, em caracteres que não podia ler, mas que outro podia decifrar, fosse algum horrível segredo de pecado, algum sinal vermelho de sangue, alguma revelação de crime? Não haveria fuga possível? Não seríamos, afinal, mais do que peões, movidos por um poder invisível, vasos que o oleiro moldava como queria, para a honra ou para a ignomínia? A sua razão revoltava-se, mas sentia que uma tragédia estava suspensa sobre ele, que tinha sido inesperadamente chamado para suportar um intolerável fardo. Os actores são mais felizes. Podem escolher o que quiserem – tragédia ou comédia, sofrimento ou alegria, riso ou lágrimas. Mas, na vida real, é bem diferente. Muitos homens e mulheres são forçados a representar papéis para os quais não têm aptidão. O nosso Guildensterns representa Hamlet e os nossos Hamlets provocam o riso como o príncipe Hal. O mundo é um teatro, mas os papéis são mal distribuídos.

De repente, o senhor Podgers entrou na sala. Quando viu Lorde Artur, estremeceu, e o seu rosto, gordo e grosseiro, tomou uma cor amarelo-esverdeada. Os olhares dos dois homens encontraram-se e, por instantes, reinou o silêncio.

– A duquesa deixou aqui uma das luvas, Lorde Artur, e pediu-me que lha levasse – disse finalmente, Podgers. – Ah! Está ali no sofá. Boa noite.

– Senhor Podgers, insisto em que me dê uma resposta concreta e minuciosa à pergunta que lhe fiz.

– Para outra vez, Lorde Artur, a duquesa está à espera. Devo ir.

– Não irá. A duquesa não está com pressa.

– As senhoras não se podem fazer esperar, Lorde Artur – disse Podgers, com um leve sorriso. – O belo sexo é dado à impaciência.

Nos finos lábios de Lorde Artur transpareceu um petulante desdém. Naquele momento, a pobre duquesa tinha para ele muito pouca importância. Caminhou para onde estava Podgers e apresentou-lhe a mão.

– Revele-me o que viu aí – disse. – Diga-me a verdade. Quero sabê-la. Não sou uma criança.

Os olhos de Podgers pestanejaram por detrás dos óculos de aros de ouro, moveu inquieto os pés, enquanto as mãos brincavam com a reluzente corrente do relógio.

– Que o leva a pensar que vi na sua mão, Lorde Artur, mais do que lhe disse?
– Sei o que fez e insisto em que me conte por que foi. Dar-lhe-ei um cheque de cem libras.

Os olhos verdes brilharam por instantes e depois tornaram-se novamente sombrios.

– Guinéus? – disse, por fim, o senhor Podgers em voz baixa.

– Certamente. Mandar-lhe-ei um cheque amanhã. Qual é o seu clube?

– Não tenho clube. Isto é, actualmente. A minha direcção é... mas permita-me que lhe dê o meu cartão de visita.

E, tirando do bolso do colete um cartão de rebordos dourados, o senhor Podgers entregou-o, fazendo uma profunda vénia a Lorde Artur, que leu: «*Mr. Septimus R. Podgers, Quiromante Profissional, 1030 West Moon Street*».

– As minhas horas são das dez às quatro – murmurou Podgers mecanicamente – e faço uma redução para famílias.

– Apresse-se – exclamou Lorde Artur, muito pálido, mostrando a mão.

Podgers olhou nervosamente à sua volta e correu o pesado *portière*⁷ sobre a porta.

– Levarei algum tempo, Lorde Artur; estava melhor sentado.

– Apresse-se – repetiu Lorde Artur, batendo colericamente com os pés no chão polido.

Podgers sorriu, tirou do bolso interior um pequeno e magnífico vidro e limpou-o cuidadosamente com um lenço.

– Estou inteiramente às suas ordens – disse.

II

Dez minutos mais tarde, com o rosto lívido de terror e os olhos esgazeados, Lorde Artur Savile saiu precipitadamente de Bentinck House, abrindo passagem por entre os criados de librés de arminho, que se encontravam junto do grande toldo listrado, e parecendo não ver nem ouvir fosse o que fosse. A noite estava triste e fria, e os candeeiros de gás, à volta da praça, cintilavam e tremeluziam, açoitados pelo vento. Mas as suas mãos ardiam, febris, e a fronte queimava-lhe como fogo. O andar era de bêbedo. Um polícia olhou curiosamente para ele ao ver o seu passo cambaleante, e um mendigo, curvado de pedir, espantou-se dessa miséria, maior ainda que a sua. Parou debaixo de um candeeiro e olhou para as mãos. Pensou que já podia descobrir nelas a mancha de sangue, e um grito oprimido saiu-lhe dos lábios trémulos.

«Assassínio!» – foi o que o quiromante tinha visto ali. Assassínio! A própria noite parecia sabê-lo e o vento desolado uivá-lo ao seu ouvido. Os recantos escuros das ruas ecoavam-no. Escarnecia dele dos telhados das casas.

Primeiro foi até ao parque, cujo bosque sombrio o fascinava. Encostou-se às grades, sem forças, refrescando a fronte no metal húmido e escutando o ciciante silêncio das árvores. «Assassínio! Assassínio!» – ia repetindo, como se a repetição pudesse amortecer o horror da palavra. O som da sua própria voz fazia-o tremer; esperava, contudo, que o eco pudesse ouvi-la e despertasse o sono da cidade dos seus sonhos. Chegou a sentir o desejo feroz de mandar parar um transeunte casual e contar-lhe tudo.

⁷ Reposteiro.

Depois, vagueou por Oxford Street, pelos becos estreitos e infames. Duas mulheres de rostos pintados escarneceram-no. De um pátio escuro, vinha um rumor de pragas e pancadas, a que se seguiram gritos agudos; e, amontoadas nos degraus das portas, viu corcovadas formas de pobreza e de miséria. Invadiu-o uma estranha compaixão. Estariam estes filhos do pecado e da miséria predestinados para aquela sorte, como ele para a sua? Seriam, como ele, simples títeres de um monstruoso espectáculo?

Mas não era o mistério que o impressionava; feria-o a comédia de sofrimento, a sua absoluta inutilidade, a sua tão grotesca falta de sentido. Quão incoerentes lhe pareciam todas as coisas! Quantas lacunas em toda a harmonia! Admirou-se da discordância entre o frágil optimismo do dia e os factos reais da existência. Era ainda muito novo...

Pouco tempo depois, viu-se em frente da igreja de Marylebone. A silente calçada dava a impressão de uma longa fita de prata polida, salpicada aqui e ali pelos escuros arabescos de sombras ondulantes. Desenhava-se mais distante a curva da linha dos candeeiros de gás e, junto de uma pequena casa com alpendre, estava um carro solitário, com o cocheiro a dormir, bem abrigado. Andou apressadamente na direcção de Portland Place, olhando de vez em quando à sua volta, como receando que alguém o perseguisse. Na esquina da Rich Street, estavam dois homens, lendo um pequeno cartaz.

Tomado de um estranho sentimento de curiosidade, caminhou para ali. Ao aproximar-se, a palavra «Assassínio», impressa em letras pretas, atraiu-lhe o olhar. Estremeceu e um secreto rubor tingiu-lhe o rosto. Era uma espécie de anúncio oferecendo uma recompensa pela informação que determinasse a prisão de um homem, de estatura média, entre trinta e quarenta anos de idade, de chapéu de aba larga, trajando um casaco preto e calças às riscas, e com uma cicatriz na face direita. Leu o edital várias vezes e desejou saber se o homem seria apanhado e como lhe fora feita a cicatriz.

Talvez, algum dia, o seu próprio nome viesse a ser afixado em editais, nas ruas de Londres. Talvez, então, também fosse oferecido um prémio pela sua cabeça.

Ao pensar nisto, sobressaltou-se, cheio de horror. Voltou-se e seguiu apressadamente na noite.

Dificilmente soube por onde andara. Tinha uma obscura lembrança de ter vagabundado através de um labirinto de casas sórdidas, de se ter perdido numa emaranhada e gigantesca teia de ruas sombrias. Raiava já a aurora quando por fim se encontrou em Piccadilly Circus. Ao dirigir-se para casa, próximo de Belgrave Square, viu os grandes carros no seu caminho para Covent Garden. Os carroceiros, de blusas brancas, com os rostos alegres, tostados pelo sol, e os cabelos crespos em desalinho, andavam a passo largo, estalando os chicotes e desafiando-se uns aos outros, de vez em quando; no dorso de um corpulento e comprido cavalo, guia de uma parelha travessa, ia um rapaz gordo, com um ramo de primaveras no chapéu gasto, segurando a crina nas mãos pequenas e gordas, e rindo ao mesmo tempo; e as grandes pilhas de hortaliças pareciam amontoados de jade no céu da manhã, amontoados de verde jade num céu de pétalas de cravo, de maravilhosos tons róseos. Lorde Artur sentiu-se estranhamente emocionado, mas não sabia dizer porquê. Havia algo na delicada beleza da aurora que lhe parecia



inexplicavelmente patético, e ele pensou em todos os dias que têm este alvorecer de beleza e desabam em tempestade. Para estes aldeãos, de rudes mas bem-humoradas falas e de andar desajeitado, Londres era uma estranha Londres. Uma Londres livre do pecado da noite e do fumo do dia, uma pálida e fantasmagórica cidade, uma desolada povoação de túmulos! Admirava-se de que pensassem assim ou nada soubessem dos seus esplendores e das suas misérias, das suas ardentes e disfarçadas alegrias e dessa fome horrível em todas as suas formas e aspectos, desde manhã à noite. Provavelmente, para eles, Londres era apenas um mercado, onde levavam as suas frutas para vender e onde, quando muito, se demoravam algumas horas, deixando as ruas ainda silenciosas e as casas adormecidas.

Dava-lhe prazer observar como passavam despercebidos. Rudes, como eram, com os sapatos pesados e cravados de brochas, e as passadas grosseiras, tinham um pouco de arcadiano⁸. Sentiu que viviam com a Natureza, que lhes tinha comunicado paz. Invejou-lhes tudo o que não sabiam.

Quando chegou a Belgrave Square, o céu era de um azul desmaiado e as aves principiavam a chilrear nos jardins.

III

Quando Lorde Artur acordou, eram doze horas, e o sol coava-se pelas cortinas de seda cor de marfim do seu quarto. Levantou-se e olhou para fora da janela. Uma obscura névoa de calor estava suspensa sobre a grande cidade e os telhados do casario pareciam de prata fosca. Em baixo, na trémula verdura da praça, algumas crianças passavam em volta como borboletas brancas, e nos passeios circulava muita gente, no seu caminho para o parque. Nunca a vida lhe pareceu tão agradável, nunca as coisas do mal lhe pareceram tão remotas.

O criado trouxe-lhe uma chávena de cacau numa bandeja. Bebeu-o e em seguida desviou um grande *portière* cor de pêssego, e passou ao quarto de banho.

A luz fluía através das finas cantarias de ónix transparente, e a água na banheira de mármore oferecia uma cor indecisa, como um tom de luar. Mergulhou apressadamente, até as frescas ondulações lhe atingirem o pescoço e os cabelos, e depois imergiu a cabeça, como se quisesse limpar e afastar para longe a mancha de alguma lembrança vergonhosa. Quando saiu da água, sentiu uma paz quase completa. Dominavam-no as esquisitas condições físicas do momento, como, na verdade, acontece com frequência em muitas naturezas, subtilmente trabalhadas, que os sentidos, tal qual o fogo, tanto podem purificar como corromper.

Depois do almoço, encostou-se num divã e acendeu um cigarro. Na estante do fogão, emoldurada num fino e velho brocado, estava uma grande fotografia de Sibila Merton, como ele a tinha visto pela primeira vez, no baile de Lady Noel. A delicada e bem talhada cabeça pendia ligeiramente para um lado, como se o delgado e elegante pescoço tivesse dificuldade em suportar o peso de tamanha beleza; os lábios estavam levemente entreabertos e pareciam feitos para uma suave e melodiosa música, e toda a terna pureza de rapariga moderna transparecia, num assombro, dos olhos sonhadores. Com o macio e justo vestido de *crêpe de chine* e o grande leque, artisticamente decorado, Sibila parecia umas dessas estilizadas figurinhas que os homens encontraram em estatuetas de oliveira, perto de Tanagra; e havia um quê de graça helénica na sua pose e atitudes. Apesar disso,

⁸ Referente à mitológica Arcádia. (N.T)

não era *petite*. Era simplesmente muito bem proporcionada, coisa rara numa idade em que as mulheres ou são muito altas ou muito baixas.

Agora, ao olhar para ela, Lorde Artur sentia essa terrível piedade que nasce do amor. Casar com Sibila, com a condenação de assassinio sobre a sua cabeça, seria uma traição como a de Judas, um pecado pior do que qualquer um dos imaginados por Bórgia. Que felicidade poderiam ter os dois, se em qualquer momento fosse chamado para cumprir a terrível profecia escrita na mão? Que vida seria a deles, enquanto o Fado suspendesse este tremendo destino nos pratos da balança? O casamento devia ser adiado, a todo o custo. Estava absolutamente decidido a isso. Apesar de



amar ardentemente a jovem, a ponto de o simples contacto dos seus dedos, quando se encontravam juntos, fazer vibrar com estranha alegria todos os nervos do seu corpo, reconheceu, com lúcida clareza, onde estava o seu dever e estava perfeitamente ciente de que não lhe assistia o direito de casar enquanto não houvesse praticado o homicídio. Depois, podia comparecer diante do altar com Sibila Merton e entregar-lhe a vida nas mãos, sem o terror da ameaça. Podia recebê-la nos braços, sabendo que ela jamais coraria por sua causa, nunca baixaria a cabeça com vergonha. Mas devia executar primeiro aquele desígnio; e o mais cedo possível, para bem de ambos.

Muitos homens na sua situação teriam preferido o agradável caminho das carícias aos íngremes cumes do dever; mas Lorde Artur era muito consciencioso para colocar o prazer acima dos princípios. Havia mais do que simples paixão no seu amor; Sibila era para ele um símbolo de tudo quanto é bom e nobre. Por momentos, sentiu uma natural repugnância contra o que devia fazer, mas ela depressa se desvaneceu. O coração dizia-lhe que isso não era um pecado, mas um sacrifício, e a razão lembrava-lhe que não havia outro caminho a seguir. Tinha de escolher entre viver para si e viver para os outros e, ainda que fosse indubitavelmente terrível a tarefa posta nos seus ombros, sentiu que não devia recusar o sofrimento para vencer. Mais cedo ou mais tarde, todos somos chamados a resolver o mesmo caso, a todos nós é apresentada a mesma questão. A Lorde Artur chegou quase no alvorecer da vida, antes que a sua natureza fosse deformada pelo calculado cinismo da meia idade ou o seu coração corroído pelo baixo e grosseiro egoísmo dos nossos dias. Não hesitava em cumprir o seu dever. Felizmente para ele, não era um

simples visionário ou um frívolo diletante. Se o fosse, teria hesitado como Hamlet e deixado a irresolução destruir o seu propósito. Mas era essencialmente prático. A vida, para ele, significava acção, em vez de pensamento. Tinha a mais rara de todas as coisas: o bom senso.

Haviam-se dissipado os seus rudes e turbos sentimentos, e era quase com vergonha que via esse louco desvario de rua em rua, essa feroz e emocional angústia. Pasmava de como podia ter sido tão insensato, tanto em discutir como em se enfurecer com o inevitável. Parecia-lhe agora irreal, fantasiosa, a grande sinceridade dos seus sofrimentos passados. A única coisa que o perturbava era saber quem devia matar; não ignorava o facto de que o homicídio, tal como as religiões do mundo pagão, exigia uma vítima e um sacerdote. Porque não era um génio, não tinha inimigos e, na verdade, não se tratava da satisfação de qualquer má vontade pessoal ou antipatia, mas de uma missão a que se obrigara, de uma grande e grave seriedade. Com a maior diligência completou uma lista dos seus amigos e parentes e, depois de cuidadosa ponderação, decidiu-se por Lady Clementina Beauchamp, uma estimada e velha senhora que vivia em Curzon Street e era uma segunda prima pelo lado da mãe. Tinha sido sempre muito afeiçoado a Lady Clem, como todos lhe chamavam, e como era muito rico, pois entrara na posse e domínio das propriedades de Lorde Rugby logo que atingiu a maioridade, não havia qualquer possibilidade de suspeita de vantagens monetárias para ele como resultado da sua morte. De facto, quanto mais pensava no caso, mais parecia ser ela a pessoa indicada para desaparecer e, receando que todo o adiamento fosse uma deslealdade para com Sibila, resolveu iniciar imediatamente todos os seus preparativos.

A primeira coisa a fazer era, na verdade, saldar as contas com o quiromante: sentou-se a uma pequena secretária, que estava junto da janela, preencheu um cheque de 105 libras, pagável à ordem do senhor Septimus Podgers e, metendo-o num sobrescrito, mandou o criado levá-lo a West Moon Street. Depois telefonou ao seu cocheiro, para a cavaliariça, e vestiu-se para sair. Ao deixar o quarto, olhou para a fotografia de Sibila Merton e jurou que, sucedesse o que sucedesse, nunca lhe diria o que tinha feito por sua causa, guardaria para sempre o segredo do próprio sacrifício, oculto no seu coração.

No caminho para Buckingham, parou numa florista e mandou a Sibila um formoso açafate de narcisos com lindas pétalas brancas e espantados olhos de faisão. Ao chegar ao clube, foi direito à biblioteca, tocou a campainha e disse ao criado que lhe trouxesse um refresco de limão e soda e um livro sobre toxicologia. Tinha decidido que o veneno era o melhor meio a empregar no seu incómodo trabalho. Desagradava-lhe tudo quanto representasse uma violência pessoal e, além disso, não desejava de modo algum assassinar Lady Clementina de um modo que pudesse atrair a atenção pública, como detestava a ideia de ser vítima dos leões de Lady Windermere ou ver o seu nome nas epígrafes dos jornais. Pensou também no pai e na mãe de Sibila, pessoas à moda antiga, que talvez se opusessem ao casamento se houvesse qualquer coisa que lembrasse o escândalo, mas que, se lhes contasse todas as circunstâncias do caso, seriam decerto os primeiros a apreciar os motivos que haviam influído nele. Tinha, pois, toda a razão em se decidir pelo veneno. Ficava salvo, seguro e tranquilo, e ao mesmo tempo fugia a cenas dolorosas a que, como muitos ingleses, era avesso de um modo particular.

Todavia, não conhecia absolutamente nada da ciência dos venenos e, como o criado parecia bastante inepto para encontrar na biblioteca algo que não fosse o *Ruff's Guide* e o *Bailey's Magazine*, ele próprio examinou as estantes, achando, por fim, uma edição primorosamente encadernada da *Farmacopeia* e uma cópia da *Toxicologia*, editada por Sir Mathew Reid, o presidente do Colégio Real de Médicos e um dos mais antigos membros de Buckingham, eleito por engano, em vez de outro qualquer – um *contretemps*

que exasperou tanto a Comissão que todos votaram contra quando apareceu o verdadeiro candidato. Lorde Artur embarçou-se com os termos técnicos usados em ambos os livros, e chegou a lamentar que não tivesse prestado maior atenção aos seus estudos em Oxford, mas, no segundo volume de Erskine, deparou-se-lhe uma interessantíssima e completa relação das propriedades da aconitina, escrita em claríssimo inglês. Convenceu-se que era precisamente o veneno adequado. Era rápido, na verdade, quase instantâneo nos seus efeitos, perfeitamente analgésico e nada desagradável ao paladar quando tomado em cápsulas de gelatina, o modo recomendado por Sir Mathew.

Com o maior cuidado, tomou nota da quantidade necessária para a dose mortífera no punho da camisa, colocou os livros nos seus lugares e seguiu para S. James's Street, para casa de Pestle and Humbey, o grande químico. O senhor Pestle, que atendia sempre pessoalmente a aristocracia, surpreendeu-se com o assunto e, muito delicadamente, abordou a possível necessidade do certificado médico. Porém, logo que Lorde Artur lhe disse que era para um grande mastim norueguês, que se via obrigado a abater por dar indícios de raiva incipiente, e que já mordera o cocheiro por duas vezes, na barriga da perna, o químico ficou plenamente satisfeito, felicitou Lorde Artur pelos seus grandes conhecimentos de toxicologia, e receitou imediatamente. Lorde Artur colocou a cápsula dentro de uma bonita e pequena *bonbonnière*⁹ de prata, que vira na montra de um estabelecimento em Bond Street, deitou fora a caixa das pílulas, dada por Pestle anda Humbey, e dirigiu-se logo para a residência de Lady Clementina.

– Muito bem, *monsieur le mauvais sujet*¹⁰ – exclamou a velha senhora, quando ele entrou – , porque é que não me visita há tanto tempo?

– Minha querida Lady Clem, nunca tenho um momento meu – disse Lorde Artur, sorrindo.

– Quer dizer que passa todo o santo dia com Miss Sibila Merton, a comprar chiffons e a conversar sobre ninharias? Não compreendo que se faça tanta balbúrdia quando se está para casar. No meu tempo, nunca falávamos de contas, nem discutíamos pública ou particularmente esses assuntos.

– Afianço-lhe que não vejo Sibila há vinte e quatro horas, Lady Clem. Até posso provar que ela pertence inteiramente às suas costureiras.

– Na verdade, é a única razão que o leva a procurar uma feia e velha mulher como eu. Admiro-me que os homens sejam assim. *On a fait des folies pour moi*¹¹, e agora para aqui estou, pobre criatura reumática, com um rosto postiço, e maldisposta, porque, se não fosse a querida Lady Jansen, que me manda as piores novelas francesas que encontra, não sei como poderia passar os dias. Os médicos não prestam para nada, a não ser para as suas contas. Não podem curar o meu doente coração.

– Trouxe-lhe um remédio para ele, Lady Clem – disse Lorde Artur com gravidade.
– É uma coisa maravilhosa, inventada por um americano.

– Acho que não gosto de invenções americanas, Artur. Tenho a certeza que não. Li há pouco algumas novelas americanas e eram absolutamente ridículas, para não dizer absurdas.

– Oh, mas não há qualquer absurdo no que lhe digo, Lady Clem! Garanto-lhe que é uma cura completa. Deve prometer que experimenta isto. – E Lorde Artur tirou de um bolso a pequenina caixa, e entregou-lha.

– Ah, a caixa é encantadora, Artur. É realmente um presente? Que delicadeza a sua! É um medicamento maravilhoso? Parece mesmo um *bonbon*. Tomá-lo-ei já.

⁹ Caixa de bombons.

¹⁰ Seu malandro.

¹¹ Cometeram loucuras por mim.

– Meu Deus! Lady Clem – exclamou Lorde Artur, pegando-lhe na mão – , não faça isso. É um medicamento homeopático e, se o tomasse sem sentir a opressão no coração, podia fazer-me muito mal. Espere que sobrevenha uma crise e tome-o então. Surpreender-se-á com o resultado.

– Gostaria de o tomar agora – disse Lady Clementina, erguendo à luz a pequena e transparente cápsula com a sua flutuante bolha de aconitina líquida. – Convenço-me de que será delicioso. A verdade é que, ainda que aborreça os médicos, gosto da medicina. Mas, em vista do que diz, conservarei o medicamento até à primeira crise.

– E quando será? – perguntou Lorde Artur arrebatadamente. – Será em breve?

– Não demorará uma semana. Ainda ontem de manhã passei um pouco mal. Mas nunca se sabe.

– Terá a crise antes do fim do mês, Lady Clem?

– Receio que sim, na verdade. Como está amável hoje, Artur! Realmente, a Sibila tem-lhe feito muito bem. Mas agora vá-se embora, porque janto logo com uma gente muito estúpida, que não conversa nem gosta de falar de escândalos, e sei que, se não descansar antes, não me poderei manter acordada durante o jantar. Adeus, Artur, dê as minhas saudades a Sibila, e muito obrigada pelo medicamento americano.

– Não se esqueça de o tomar, Lady Clem, ouviu? – disse Lorde Artur, levantando-se.

– Certamente, querida criança. Pensa em mim com tanta bondade! Escreverei a dizer-lhe se preciso de mais alguma dose.

Lorde Artur deixou a casa, cheio de contentamento e com uma impressão de imenso alívio.

Nessa noite, tinha um encontro com Sibila Merton. Contar-lhe-ia que se via inesperadamente numa situação de terrível dificuldade, que nenhuma consideração de honra ou de dever o poderiam levar a afastar-se, e que o casamento deveria ser adiado até ele se desembaraçar dessas terríveis confusões, até ser um homem livre. Pedir-lhe-ia para confiar nele e não ter nenhuma dúvida sobre o futuro. Todas as coisas viriam a seu tempo, mas era necessário paciência.

A conversa realizou-se na sala de Inverno do senhor Merton, em Park Lane, onde Lorde Artur jantava habitualmente. Sibila nunca parecera tão feliz e, por instantes, Lorde Artur teve a tentação de representar o papel de cobarde, de escrever a Lady Clementina sobre as pílulas e de deixar ir por diante o casamento, como se não houvesse no mundo nenhum senhor Podgers. O seu bom carácter, porém, depressa prevaleceu e, quando Sibila, chorando, lhe caiu nos braços, não hesitou. A beleza que excitava os seus sentidos tocara-lhe também a consciência. Destruir assim uma formosa vida, tendo em mira um prazer efêmero, seria uma feia, uma péssima acção.

Demorou-se com Sibila até quase à meia-noite, a confortá-la e a ser confortado, por seu turno, e na madrugada do dia seguinte seguiu para Veneza, depois de ter escrito uma carta convicta e categórica ao senhor Merton sobre a necessidade de se adiar o casamento.

IV

Em Veneza, encontrou o seu irmão, Lorde Surbiton, que voltava de Corfu no seu iate. Os dois jovens passaram juntos quinze dias agradáveis. De manhã, passeavam no Lido ou deslizavam pelos verdes canais nas grandes gôndolas negras; de tarde, recebiam visitantes no iate, e à noite jantavam no Florian e fumavam inúmeros cigarros no Piazza. Apesar disso, Lorde Artur não era feliz. Todos os dias procurava a secção de necrologia do Times, esperando ver a morte de Lady Clementina, mas ficava sempre desapontado. Começou a rezear que lhe tivesse sucedido algum acidente e muitas vezes lamentou tê-la

prevenido acerca do uso da aconitina, quando ela mostrara verdadeira ansiedade em experimentar os seus efeitos. Também as cartas de Sibila, ainda que repassadas de amor, confiança e ternura, eram geralmente muito tristes na expressão, e ele habituou-se ao pensamento de que estava separado dela para sempre.

Decorridos quinze dias, Lorde Surbiton estava saturado de Veneza e resolveu descer a costa até Ravena, por lhe constar que havia no Pineto magníficos torneios de tiro aos galos. A princípio, Lorde Artur recusou ir, mas Surbiton, a quem era profundamente dedicado, convenceu-o de que, se ficasse só em Danielli, se aborreceria horrivelmente. Partiram na manhã do décimo quinto dia, sob um vento desabrido, que soprava de nordeste, e com o mar um tanto encapelado. O desporto era excelente. A vida sadia, ao ar livre, insuflava cor no rosto de Lorde Artur, mas no vigésimo segundo dia tornou-se muito ansioso com Lady Clementina e, não podendo mais, a despeito das censuras de Surbiton, voltou para Veneza no comboio.

Ao saltar da gôndola para a escadaria do hotel, o gerente veio apressadamente ao seu encontro com um maço de telegramas. Lorde Artur tirou-lhos arrebatadamente da mão e abriu-os. Tudo tinha corrido bem. Lady Clementina havia falecido repentinamente na noite do décimo sétimo dia.

O seu primeiro pensamento foi para Sibila. Telegrafou-lhe, anunciando o seu imediato regresso a Londres. Depois, disse ao criado que despachasse a bagagem no correio da noite, mandou aos seus gondoleiros cerca de cinco vezes a importância das passagens e dirigiu-se para os seus aposentos num passo ligeiro e com o coração desoprimido. Aí encontrou três cartas. Uma era de Sibila que, com a mais afeiçoada simpatia, lhe enviava pêsames. As outras, de sua mãe e do procurador de Lady Clementina. A velha senhora tinha jantado com a duquesa nessa mesma noite, tinha encantado toda a gente com a sua inteligência e *esprit*, mas recolhera cedo, queixando-se de uma opressão no coração. De manhã, encontraram-na morta no leito, não tendo aparentemente sofrido dores. Sir Mathew Reid, chamado à pressa, nada lhe pôde fazer, e Lady Clementina foi a enterrar no vigésimo segundo dia em Beauchamp Chalcote. Alguns dias antes, a falecida fizera o seu testamento, legando a Lorde Artur a sua pequena casa em Curzon Street, toda a mobília, haveres pessoais e quadros, com excepção da colecção de miniaturas, que era para sua irmã, Lady Margaret Rufford, e do seu colar de ametistas, deixado a Sibila Merton. A propriedade não era de grande valor. Mansfield, o procurador, estava muito impaciente por que Lorde Artur regressasse o mais depressa possível, pois havia diversas contas a liquidar, e Lady Clementina nunca escriturara regularmente nenhuma delas.

Lorde Artur sensibilizou-se deveras com a lembrança que dele tivera Lady Clementina e sentiu que o senhor Podgers tinha muito que lhe dizer. Contudo, o seu amor por Sibila dominou todas as outras emoções e a consciência de que cumprira o seu dever deu-lhe paz e conforto. Quando chegou a Charing Cross, julgava-se completamente feliz. Os Merton receberam-no com a maior afabilidade. Sibila fê-lo prometer que nunca mais consentiria fosse o que fosse de permeio entre ambos, e o casamento foi marcado para o dia 7 de Junho. A vida pareceu-lhe mais uma vez brilhante e toda a sua antiga alegria ressuscitou.

Um dia, porém, tendo Lorde Artur ido à casa de Curzon Street, acompanhado pelo procurador de Lady Clementina e por Sibila, para queimarem maços de velha correspondência e limparem as gavetas de inutilidades esquecidas, a jovem, de repente, soltou um grito de prazer.

– Que encontrou, Sibila? – disse Lorde Artur, olhando para ela e sorrindo.



– Esta pequenina e encantadora *bonbonnière* de prata, Artur. Não é linda e holandesa? Dê-ma!

Era a caixa que tinha contido a aconitina.

Lorde Artur estremeceu e subiu-lhe ao rosto um desmaiado rubor. Havia esquecido quase por completo o que tinha feito, e pareceu-lhe uma curiosa coincidência que Sibila, por quem sofrera uma tão horrível ansiedade, fosse a primeira a recordar-lho.

– Certamente que pode ficar com isso, Sibila. Foi um presente meu à pobre Lady Clementina.

– Oh! Obrigada, Artur; e posso ficar também com o *bonbon*? Não pensava que Lady Clementina gostasse de doces. Supunha-a uma senhora muito intelectual.

Lorde Artur tornou-se imensamente pálido, e uma ideia horrível atravessou-lhe o cérebro.

– *Bonbon*, Sibila? Que quer dizer? – disse numa voz lenta e rouca.

– Há só um na caixa. E completamente velho e cheio de pó. Não tenho a menor intenção de o comer. De que é feito? Oh, Artur, como está pálido!

Lorde Artur correu e agarrou a caixa. Dentro estava uma cápsula cor de âmbar com a ampola de veneno. Afinal, Lady Clementina tinha sucumbido de morte natural!

O choque da descoberta era também muito forte para ele. Atirou com a cápsula para o fogão e afundou-se no sofá com um grito de desespero.

V

O senhor Merton ficou bastante desolado com o segundo adiamento do casamento, e Lady Júlia, que já tinha encomendado o vestido para a cerimónia, fez tudo quanto estava ao seu alcance para afastar Sibila do projectado enlace. Apesar de amar carinhosamente sua mãe, Sibila tinha posto toda a sua vida nas mãos de Lorde Artur, pelo que Lady Júlia nada pôde fazer que a levasse a vacilar na sua confiança. Lorde Artur passou vários dias sob o peso do seu terrível desapontamento e com os nervos absolutamente esgotados. O seu excelente bom senso, porém, depressa prevaleceu, e não o deixou permanecer por muito tempo na dúvida sobre o que devia fazer. Tendo o veneno falhado por completo, a dinamite, ou qualquer outra forma de explosivo, era evidentemente o meio mais conveniente para tentar de novo.

Cuidadosamente, viu de novo a lista dos seus amigos e parentes e, após cuidadosa reflexão, resolveu fazer ir pelos ares, seu tio, o deão de Chichester.

O deão, uma pessoa de grande cultura e inteligência, gostava apaixonadamente de relógios e tinha uma maravilhosa colecção de relógios de mesa, devidamente classificados, do século XV à época actual. Pareceu a Lorde Artur que este capricho do bom deão lhe oferecia uma óptima oportunidade para levar a cabo o seu plano.

Saber onde procurar uma máquina explosiva era, na verdade, outro problema. O Anuário de Londres não lhe dava esclarecimentos e, por outro lado, reconheceu que não havia vantagem em ir à Scotland Yard, porque aí parecia nunca se saber nada sobre os movimentos dos partidários da dinamite, senão depois de uma explosão, e mesmo assim não eram muitas as informações.

De súbito, pensou no seu amigo Ruvaloff, um jovem russo de verdadeiras tendências revolucionárias, que conhecera no Inverno em casa de Lady Windermere. O conde Ruvaloff fingia estar a escrever uma vida de Pedro, o Grande, e ter vindo para Inglaterra com o intuito de estudar os documentos relativos à estada do czar nessa região, como carpinteiro de navios; mas, em geral, suspeitava-se que fosse um agente niilista e não

havia dúvidas de que o embaixador russo não via com agrado a sua presença em Londres. Lorde Artur percebeu que o conde era justamente o homem para o seu projecto, e procurou-o uma manhã nos seus aposentos em Bloomsbury, para lhe pedir o seu conselho e auxílio.

– Está então a levar a política a sério? – disse o conde Ruvaloff, quando Lorde Artur lhe contou o motivo da sua visita; mas este, que detestava fanfarronices de toda a espécie, limitou-se a dizer que não tinha o mais pequeno interesse por questões sociais e que precisava apenas de uma máquina explosiva para um caso meramente familiar, que a ninguém mais importava a não ser a ele.

O conde Ruvaloff olhou, durante alguns momentos, cheio de espanto, para Lorde Artur e, depois de o ver absolutamente sério, escreveu uma direcção num bocado de papel, assinou-o e entregou-lho.

– A Scotland Yard daria bastante para saber esta direcção, meu querido companheiro.

– Não a terá! – exclamou Lorde Artur, rindo; e depois de apertar efusivamente a mão do jovem russo, desceu a escada, examinou o papel e mandou seguir o cocheiro para Soho Square.

Aí despediu-o e caminhou para os lados de Greek Street até chegar a um local chamado Bayle's Court. Atravessou uma espécie de arco e encontrou-se num estranho *cul de sac*¹², aparentemente ocupado por uma lavandaria francesa, com um perfeito serviço de lavagem de roupas, estendidas em cordas, de casa para casa. E a roupa branca esvoaçava no ar da manhã.

Bateu à porta de uma casita verde. Passado algum tempo, durante o qual espreitavam às janelas do pátio rostos curiosos, a porta abriu-se, e um pequeno estrangeiro, de aspecto arrogante, perguntou-lhe em péssimo inglês o que pretendia. Lorde Artur estendeu-lhe o papel que lhe dera o conde Ruvaloff. Quando o homem o leu, fez uma vénia e convidou Lorde Artur a entrar para uma pequena sala no rés-do-chão. Herr Winckelkopt – tal era o seu nome em Inglaterra – moveu-se agitado no aposento, tendo um guardanapo sujo de vinho ao pescoço e um garfo na mão esquerda.

– O conde Ruvaloff deu-me uma carta de apresentação para si – disse Lorde Artur, curvando-se – e eu desejo muito ter uma pequena conversa consigo acerca de um negócio. O meu nome é Smith, Robert Smith; e preciso que me forneça um relógio explosivo.

– Muito prazer em encontrá-lo, Lorde Artur – disse o cordial pequeno alemão, rindo.

– Não se assuste, é meu dever conhecer toda a gente. Recordo-me de o ter encontrado uma tarde em casa de Lady Windermere. Espero que sua excelência esteja perfeitamente bem. Queira sentar-se enquanto acabo de almoçar! Tenho um excelente *paté*, e os meus amigos são tão amáveis que consideram o meu «Reno» melhor do que qualquer um do que bebem na Embaixada alemã.

Antes que Lorde Artur se tivesse recomposto da surpresa de ser reconhecido, viu-se sentado no quarto dos fundos, bebendo o deliciosíssimo Marcobrunner de uma garrafa amarelo-pálida, marcada com o monograma imperial, e conversando amigavelmente com o famoso conspirador.

– Relógios explosivos – disse o senhor Winckelkopf – não são lá muito boa coisa para exportação estrangeira, porque mesmo que consigam passar sem dificuldades na Alfândega, o serviço de comboios é tão irregular que, por via de regra, explodem antes de atingir o seu verdadeiro destino. Contudo, se precisa de um para uso caseiro, posso fornecer um excelente artigo e garantir que ficará muito satisfeito com o resultado. Posso saber para quem é, a quem se destina? Se é para a polícia ou para alguém relacionado

¹² Beco (N.T)

com a Scotland Yard, receio nada poder fazer. Os detectives ingleses são realmente os nossos melhores amigos e eu tenho reconhecido sempre que, confiando na sua estupidez, podemos realizar exactamente o que desejamos. Não podemos dispensar nenhum.

– Garanto-lhe – disse Lorde Artur – que não é nada, absolutamente nada que respeite à polícia. De facto, o relógio é destinado ao deão de Chichester.

– Valha-me Deus! Não supunha que fosse tão violento em matéria religiosa, Lorde Artur. Actualmente, poucos jovens são assim.

– Parece-me bem que exagera, Herr Winckelkopf – disse Lorde Artur, corando. – A verdade é que nada sei de teologia.

– É então um assunto puramente particular?

– Puramente particular.

Herr Winckelkopf encolheu os ombros e saiu do quarto, voltando pouco depois com um pedaço de dinamite, circular, do tamanho de um pêni e um pequeno e lindo relógio francês, tendo ao cimo uma figura da Liberdade pisando aos pés a hidra do Despotismo.

Lorde Artur alegrou-se quando viu isto.

– É justamente aquilo de que preciso – exclamou. – E agora diga-me como explode.

– Ah! Isso é segredo – respondeu Herr Winckelkopf, contemplando a sua invenção com justificado orgulho. – Diga-me quando quer que expluda e eu prepararei a máquina para esse momento.

– Bem, hoje é terça-feira, e se o pudesse mandar já...

– É impossível, tenho importantíssimos trabalhos entre mãos para alguns amigos dinamitadores, em Moscovo. Enviá-lo-ei contudo, amanhã.

– Oh, será bem a tempo! – disse Lorde Artur polidamente. – Se for entregue amanhã à noite, ou na quinta-feira de manhã, marque a explosão para sexta-feira, ao meio-dia exacto. O deão está sempre em casa a essa hora.

– Sexta-feira, ao meio-dia – repetiu Herr Winckelkopf, e tomou nota num grande livro-mestre, que estava no escritório, junto ao fogão.

– E agora – disse Lorde Artur, levantando-se – desejo saber quanto lhe devo.

– É um caso tão insignificante, que não me importo de fazer alguma despesa. A dinamite vem por sete ou seis pences, o relógio deve custar três libras e dez pences e o transporte, à volta de cinco xelins. Quanto a mim, estou muito satisfeito por ser prestável a um amigo do conde Ruvaloff.

– Mas o seu trabalho, Herr Winckelkopf?

– Oh, não é nada. É um prazer para mim. Não trabalho por dinheiro, vivo inteiramente para a minha arte.

Lorde Artur depôs na mesa 4 libras, 2 xelins e 6 dinheiros, agradeceu ao alemão a sua bondade e, depois de ter declinado um convite para se encontrar com alguns anarquistas no sábado seguinte, saiu e dirigiu-se para o parque.

Passou os dois dias seguintes num estado de extrema agitação e, na sexta-feira, pelas doze horas, foi para Buckingham, à espera de notícias. Toda a tarde, o estúpido porteiro afixou os telegramas dos vários pontos da região, dando os resultados das corridas de cavalos, as sentenças de divórcio, o estado do tempo, os fatigantes incidentes de uma sessão de uma noite inteira na Câmara dos Comuns, e um pequeno pânico no Stock Exchange.

Às quatro da tarde, chegaram os jornais. Lorde Artur desapareceu na biblioteca com o *Pall Mall*, o *St. James's*, o *Globe* e o *Echo*, o que provocou indignados protestos do coronel Goodchild, que queria ler os relatos de um discurso que proferira nessa manhã e



Mansion House, sobre as Missões da África do Sul e a conveniência de haver bispos negros em cada província e que, por qualquer razão, tinha uma forte animosidade contra o *Evening News*. Nenhum dos jornais, porém, continha sequer a mais ligeira alusão a Chichester, e Lorde Artur percebeu que o atentado devia ter fracassado. Sofreu um golpe terrível. Mais uma vez, teve um grande desapontamento.

Herr Winckelkopf, a quem foi visitar no dia seguinte, estava cheio de complicadas desculpas, e ofereceu-se para lhe fornecer outro relógio, livre de encargos, ou com uma caixa de bombas de nitroglicerina, pelo preço do custo. Mas Lorde Artur perdera a fé em explosivos e o próprio Herr Winckelkopf confessou que actualmente estava tudo adulterado, de tal forma que decerto a dinamite dificilmente podia ver em condições de boa conservação. Todavia, o alemão, muito embora admitindo que qualquer coisa devia estar desarranjada no maquinismo, esperava confiante que o relógio ainda pudesse vir a explodir e exemplificou o caso de um barómetro que uma vez enviara para o governador militar de Odessa e que, apesar de adaptado e preparado para explodir em dez dias, só explodiu cerca de três meses depois. É verdade que, quando explodiu, reduziu simplesmente a estilha uma criada de quarto, pois o governador tinha partido para fora seis semanas antes, mas ficou a prova bem provada de que a dinamite, como força destruidora, quando sob o controlo do maquinismo, é um agente poderoso, se bem que pouco pontual. Lorde Artur ficou um tanto animado com esta reflexão, mas depressa lhe veio o desalento. Passados dois dias, ao subir as escadas, a duquesa chamou-o à saleta e mostrou-lhe uma carta que acabava de receber do Deado.

– A Jane escreve cartas encantadoras – disse a duquesa. – Na verdade, deves ler a sua última. É tão bem feita como as novelas que a Mudie nos envia.

Lorde Artur pegou na carta e leu:

Deado, Chichester, 27 de Maio

Minha Queridíssima Tia,

Obrigada, tanto pela flanela para a Dorcas Society, como pelo riscado. Concordo plenamente consigo, que é uma tolice quererem usar coisas bonitas, mas hoje são todos tão radicais e irreligiosos, que é difícil convencê-los de que nem toda a gente deve trajar como as classes superiores. Por este andar, não sei o que nos está reservado. Como meu pai tem dito muitas vezes nos seus sermões, vivemos numa época de incredulidade.

Temo-nos divertido bastante com um relógio que um admirador desconhecido mandou ao papá na quinta-feira passada. Veio de Londres, numa caixa de madeira, com o porte pago, e o papá convenceu-se que deve ter sido enviado por alguém que leu o seu notável sermão «Será a licenciosidade uma liberdade?», porque no cimo do relógio estava uma figura de mulher que, na opinião de meu pai, tinha o barrete da Liberdade na cabeça. Não julguei muito plausível, mas o papá disse que era histórico e assim deve ser. O Parker desempacotou-o e o papá mandou-o pôr sobre o fogão da biblioteca. Estávamos todos lá sentados na sexta-feira de manhã, quando, precisamente ao bater das doze horas, ouvimos um ruído, como o da perdiz quando levanta voo, vimos um pequeno rolo de fumo que saía do pedestal da figura, e a Deusa da Liberdade caiu e partiu o nariz no guarda-fogo. A Maria sobressaltou-se muito mas, a coisa pareceu tão ridícula que o Jaime e eu tivemos um ataque de riso e até o papá achou muita graça. Quando examinámos o caso, verificámos que se tratava de uma espécie de relógio despertador, e que, se o acertássemos para uma hora determinada e lhe puséssemos alguma pólvora e uma espoleta sob um pequeno cão de espingarda, dispararia nessa altura. O papá disse que não podia continuar na biblioteca, porque fazia barulho, e então a Reggie levou-o

dali para a sala de estudo e teve pequenas explosões durante o resto do dia. Parece-lhe que o Artur gostaria de um relógio destes como prenda de casamento? Suponho que são agora muito usados em Londres. Diz o papá que prestam bom serviço, visto que mostram que a Liberdade não pode durar e tem de cair. Diz também que ela foi inventada no tempo da Revolução Francesa. É mesmo formidável!

Tenho de ir agora à Dorcas, onde lhes lerei a sua muito instrutiva carta. Quão verdadeira, minha querida tia, é a sua ideia de que é indecoroso não se vestirem conforme as suas condições de vida. Devo dizer que é absurda a ansiedade que mostram quanto ao vestuário, quando há coisas muito mais importantes neste mundo e no outro. Estou tão satisfeita por a sua florida popelina se ter virado tão bem e por a sua renda não se ter rasgado. Estou a preparar o meu cetim amarelo, que tão gentilmente me deu, para o levar a casa do bispo na quarta-feira, e julgo que tudo correrá bem. Deve ter laços ou não? A Jennings diz que agora se usam e que a saia de baixo deve ser tufada. A Reggie acaba justamente de ter outra explosão e o papá deu ordem para porem o relógio na cavalaria. Não penso que o papá goste tanto dele como a princípio, se bem que continue muito lisonjeado por lhe ter sido enviado um tão lindo e engenhoso brinquedo, prova de que lêem os seus sermões e aprendem com eles.

O papá manda cumprimentos afectuosos no que o acompanham Jaime, Reggie e Maria e, esperando que a gota do tio Cecil vá melhor, creia-me, querida tia, sempre sua afeiçoada sobrinha.

Jane Percy

P.S. – Fale-me dos laços. A Jennings insiste em que estão na moda

Lorde Artur olhou tão sério e desgostoso para a carta, que a duquesa não pôde conter o riso.

– Meu querido Artur – exclamou – , não tornarei a mostrar-te cartas de meninas! Mas que dizer do relógio? Penso que é uma invenção importante e gostaria de possuir um.

– Não concordo – disse Lorde Artur, com um melancólico sorriso e, depois de lhe beijar a mão, deixou a sala.

Quando entrou no quarto, atirou-se para um sofá e os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Empregara os melhores meios para praticar este homicídio mas, de ambas as vezes, goraram-se os seus planos. E não por culpa do tio. Procurou cumprir o seu dever, mas o Destino atraíçou-o. Oprimia-o a sensação da esterilidade das boas intenções, da futilidade da tentativa de agir bem. Talvez fosse melhor desfazer, por completo, o casamento. Sibila sofreria, é certo, mas sofrendo não destruiria realmente uma natureza tão nobre como a sua. Quanto a ele, o que fazer? Há sempre alguma guerra em que um homem pode morrer, alguma causa por que possa dar a sua vida mas, como a vida não tinha prazer para ele, também a morte não lhe infundia terror. Deixemos o Destino terminar a sua obra. Não daria um passo para o ajudar.

Depois das sete e meia, vestiu-se e partiu para o clube. Surbiton estava lá com um grupo de amigo, e Lorde Artur viu-se obrigado a jantar com eles. Não lhe interessava a conversa banal nem os frívolos gracejos daquela gente. Logo que foi servido o café, deixou-os dando um pretexto qualquer para se retirar. Ao sair do clube, o porteiro entregou-lhe uma carta. Era de Herr Winckelkopf, pedindo-lhe para comparecer na noite seguinte e ver um chapéu de chuva explosivo, que disparava logo que o abriam. Era a última invenção vinda de Genebra. Rasgou a carta em pedaços. Tinha resolvido não fazer mais experiências. Depois, vagueou para os lados das docas do Tamisa e sentou-se durante horas à beira do rio. A Lua surgiu através de uma juba de nuvens fulvas, como se

fosse um olho de leão e miríades de estrelas ornavam de lantejoulas a abóbada celeste, qual poeira doirada espargida numa cúpula purpúrea. De quando em quando, um barco passava na turva corrente e vogava para longe com a maré; os sinais do caminho-de-ferro mudavam de verde para vermelho quando os comboios corriam, silvando ao passar na ponte. Pouco depois, dez horas batiam sonoras na grande torre de Westminster e a cada badalada do sino a noite parecia estremecer. Então, extinguiram-se as luzes do caminho-de-ferro, ficando apenas acesa uma solitária e resplandecente lâmpada, como um grande rubi num mastro gigantesco. E o ruído da cidade tornou-se ténue.

Às duas, levantou-se e deambulou para as bandas de Blackfriars. Como eram ilusórias todas as coisas! Como era tudo um estranho sonho! As casas, na outra margem do rio, pareciam construídas fora da escuridão. Dir-se-ia que prata e sombra tinham moldado de novo o mundo. A vasta cúpula da Catedral de São Paulo parecia uma bolha no céu sombrio.

Ao chegar a Cleopatra's Needle, viu um homem inclinado sobre o parapeito e, aproximando-se dele, olhou-o à luz do gás, que lhe iluminava o rosto por completo.



Era o senhor Podgers, o quiromante! Não podia enganar-se, a cara gorda e flácida, os óculos de aros de ouro, o sorriso lânguido, a boca sensual.

Lorde Artur deteve-se. Uma ideia brilhante cintilou através dele e insinuou-se lentamente no seu espírito. Num instante, agarrou o senhor Podgers pelas pernas e arremessou-o ao Tamisa. Uma praga, um pesado *splash* e tudo voltou ao silêncio. Lorde Artur olhou ansiosamente para baixo, mas nada mais viu do quiromante do que chapéu alto, às piruetas, remoinhando na água iluminada pelo luar. Pouco depois, também o chapéu submergiu; do senhor Podgers não havia mais vestígios. Lorde Artur ainda julgou ter avistado o volumoso e desfigurado homem, saindo pela escada da ponte. Um sentimento horrível de insucesso afligiu-o, mas depressa reconhecer ser apenas um reflexo, que se dissipou completamente quando a luz brilhou entre as nuvens. Por fim,

pareceu-lhe ter executado a sentença do Destino. Soltou um profundo suspiro de alívio e o nome de Sibila veio-lhe aos lábios.

– Deixou cair alguma coisa, senhor? – disse uma voz de repente, por detrás dele. Voltou-se e viu um polícia com uma lanterna.

– Nada de importante, senhor guarda! – respondeu, sorrindo; e, como passasse um carro, saltou para dentro e mandou seguir para Belgrave Square.

Nos dias seguintes, debateu-se na esperança e no medo. Houve momentos em que supunha o senhor Podgers a passear no quarto e outros em que pensava que o Destino não podia ser tão injusto para ele. Duas vezes foi à morada do quiromante em West Moon Street, mas não se atreveu a tocar a campainha. Desejava certificar-se, mas tinha medo.

Finalmente, voltou ao clube. Foi sentar-se na sala de fumo para tomar chá e, quando ouvia descansadamente o relato de Surbiton sobre a última canção cómica no *Gaiety*, entrou o criado com os jornais da noite. Pegou no *St. James's* e, ao voltar distraidamente as páginas, chamou-lhe a atenção uma estranha notícia:

«SUICÍDIO DE UM QUIROMANTE»

Empalideceu, visivelmente excitado, e principiou a ler:

«Ontem de manhã, pelas sete horas, o corpo do senhor Septimus R. Podgers, eminente quiromante, foi encontrado na praia de Greenwich, precisamente em frente do Ship Hote. O infeliz gentleman desaparecera há dias, pelo que havia considerável ansiedade nos círculos quiromânticos. Supõe-se que cometeu o suicídio sob a influência de um desequilíbrio mental temporário; neste sentido, foi esta tarde pronunciado um veredicto pelo júri.

O senhor Podgers tinha justamente completado um elaborado estudo acerca da Mão Humana, que seria publicado muito em breve e que, sem dúvida, chamaria as atenções. O falecido contava sessenta e cinco anos de idade e parece não ter deixado quaisquer parentes».

Lorde Artur saiu precipitadamente do clube, ainda com o jornal na mão, perante o imenso pasmo do porteiro, que se esforçou debalde por o deter, e correu para Park Lane. Sibila viu-o da janela e teve o pressentimento de que ele era portador de boas notícias. Desceu ao seu encontro e, quando lhe viu o rosto, percebeu que tudo estava bem.

– Minha querida Sibila – exclamou Lorde Artur –, consinta que nos casemos amanhã!

– Que loucura! O bolo não está sequer encomendado! – disse Sibila, rindo entre lágrimas.

VI

Quando se realizou a cerimónia nupcial, umas três semanas depois, o St. Peter estava apinhado de uma multidão de pessoas elegantes. O ofício religioso foi celebrado pelo deão de Chichester e todos foram unânimes em que nunca tinham visto tão belo e auspicioso enlace. Os noivos eram gentis – mais ainda –, eram felizes. Nem um instante sequer, Lorde Artur lamentou o que tinha sofrido por causa de Sibila que, a seu lado, lhe deu as melhores coisas que uma mulher pode dar a um homem – adoração, ternura e amor. A realidade não matou o romance. Sentiam-se sempre jovens.

Passados alguns anos, quando duas formosas crianças tinham nascido naquele lar, Lady Windermere foi de visita ao Alton Priory, uma aprazível e antiga vivenda, que fora o presente de casamento do duque a seu filho, e uma tarde, estando sentada com Lady Artur sob uma tília do jardim, enquanto as criancinhas brincavam e se entretinham de um lado para o outro, como vivos raios de sol, de repente, pousou a sua mão amiga nas dela e perguntou:

– É feliz, Sibila?

– Certamente, Lady Windermere. E a Lady não é?

– Eu não tenho tempo para ser feliz, Sibila. Gosto sempre da última pessoa que me é apresentada, mas geralmente, logo que a conheço, fico cansada dela.

– Os seus leões¹³ não a contentam, Lady Windermere?

– Oh, minha querida! Os leões são bons apenas por algum tempo; logo que lhes cortam as jубas, tornam-se as mais estúpidas das criaturas. Além disso, comportam-se muito mal, se realmente se é cortês para eles. Lembra-se desse horrível Podgers? Era um terrível impostor. Na verdade, não lhe liguei importância e, mesmo quando ele precisou de pedir dinheiro emprestado, desculpei-o, mas não pude suportar o seu namoro. Fez-me verdadeiramente uma aborrecida quiromancia. Vou-me agora iniciar na telepatia. É muito mais agradável.

– Não diga nada contra a quiromancia nesta casa; é o único assunto de que Lorde Artur não gosta que zombem. E asseguro-lhe que ele é absolutamente sincero.

– Quer então dizer que ele acredita na quiromancia, Sibila?

– Pergunte-lhe, Lady Windermere, está aqui.

Lorde Artur subiu o jardim com um grande ramo de rosas amarelas na mão e os dois filhinhos brincando à sua volta.

– Lorde Artur?

– Sim, Lady Windermere.

– Acredita na quiromancia?

– Claro que acredito – disse o jovem homem, sorrindo.

– Mas porquê?

– Porque lhe devo toda a felicidade da minha vida – murmurou, sentando-se numa cadeira de verga.

– Meu caro Lorde Artur, que lhe deve então?

– Sibila – respondeu, oferecendo à sua mulher as rosas e contemplando os seus olhos cor de violeta.

– Que absurdo! – exclamou Lady Windermere. – Nunca ouvi um tal absurdo em toda a minha vida.



¹³ Celebidades. (N.T)

